

OLHARES DOCENTES

O índio imaginário e a perda da diversidade cultural¹

Stephanie Franco da Silva

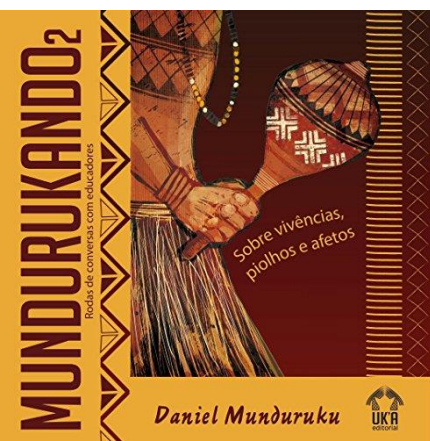
Coordenadora escolar. É Graduada em Letras Português/Inglês pela Unianchieta e Pós-Graduada em Língua Portuguesa e Literatura na Universidade Mackenzie



Escritor Daniel Munduruku. Foto: Divulgação.

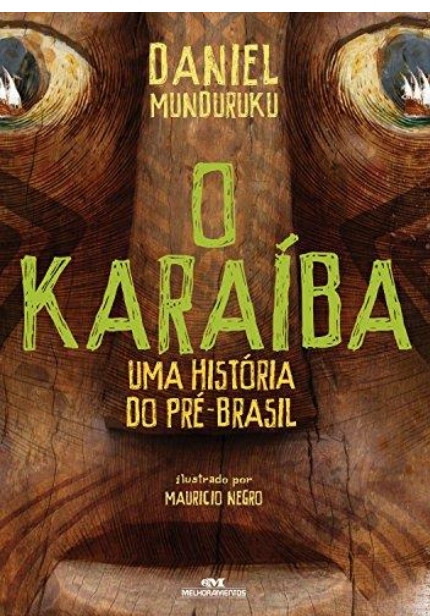
É muito comum no imaginário dos brasileiros uma ideia de um índio genérico, um grupo único de pessoas chamadas por “índios” que compartilham as mesmas crenças, os mesmos costumes, a mesma língua. Quem nunca viu aquela velha imagem de um indiozinho com pintura vermelha no rosto e uma única pena amarrada à cabeça? Esse pensamento genérico de um único índio é equivocado e, seguindo o estudioso Daniel Munduruku, vou trabalhar neste texto citando alguns problemas resultantes dessa generalização dos povos indígenas.

¹ Texto produzido no âmbito do curso “Olhares sobre a arte, cultura e resistência da etnia Munduruku a partir de suas produções literárias”, promovido pela Revista África e Africanidades no segundo semestre de 2019, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos

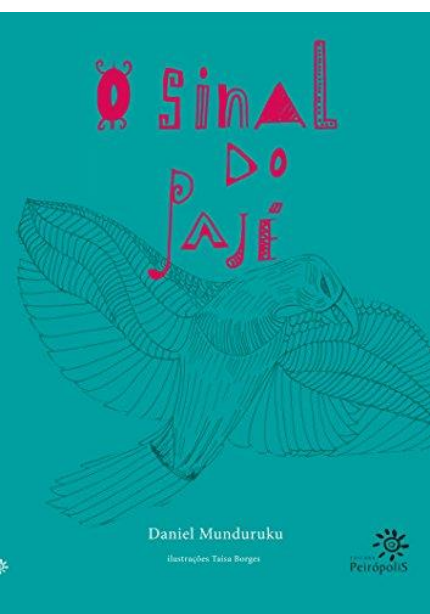


Daniel Munduruku é um escritor e professor indígena brasileiro, pertencente a etnia Munduruku. É autor de livros premiados no Brasil e no exterior e frequentemente está engajado em projetos proporcionando à sociedade maior conhecimento na temática indígena.

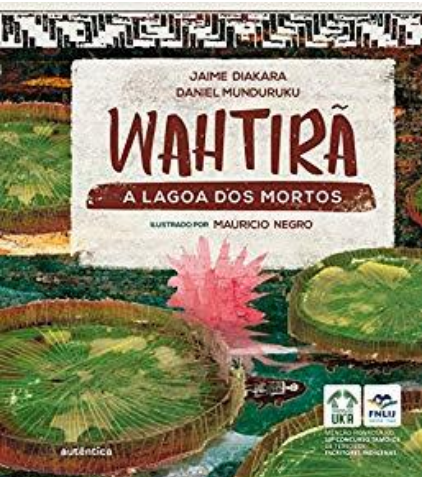
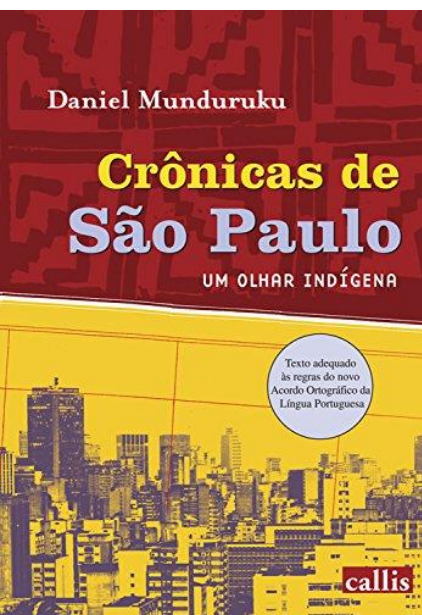
Como primeiro problema da generalização dos povos indígenas vou citar a desconsideração da diversidade cultural particular. Podem existir similaridades entre os povos indígenas como o respeito pela natureza, o sentimento de pertencimento à natureza, o conhecimento profunda da floresta em que vivem, mas cada povo possui culturas diferentes com crenças e tradições distintas, com línguas maternas também diferentes com distinções inclusive em famílias e troncos linguísticos. Em seu livro *Mundurukando 2*, Daniel Munduruku diz que os Munduruku são *undejenha*, os Xavante são *awé-uptabi*, e os Bororo são *boé*, são palavras na língua materna de cada um desses povos e significam “gente” ou “gente verdadeira”. Logo, são todos “gente verdadeira”, e o que os diferenciam é a forma que encontraram para manifestar a própria originalidade. Cada um tem o seu desenvolvimento e sua maneira de compreender o mundo, que são distintas.



Outro grande problema sobre essa generalização é que esse índio genérico não existe de fato, ele está apenas no imaginário. Ele não pertence a nenhuma etnia e não possui cultura e costumes próprios, não tem tradição, não tem história, é apenas um reflexo do que a sociedade erroneamente acredita ser um índio. No vídeo “Povos indígenas: Munduruku”, Daniel Munduruku nos conta uma conversa com seu avô sobre aceitação indígena. “Você não é índio” é a frase que o autor ouve de seu avô, “você pertence a um povo, índio é coisa da cidade, você é Munduruku”. No sentido de ser índio não ter significado uma vez que existem diferentes etnias, classificar uma pessoa como índio, além de ser uma informação incompleta, também é equivocada, uma vez que essa imagem genérica de índio não existe de fato.



Refletindo sobre o uso do lexema “índio”, Daniel Munduruku em seu vídeo “Índio é um apelido que nos impuseram e que nos afastou da sociedade brasileira” discute esse tema demonstrando que essa palavra, que é usada exaustivamente pela sociedade brasileira, carrega uma denotação negativa. A palavra índio vem do equívoco geográfico das grandes navegações que chegaram à América acreditavam estar nas Índias e, portanto, os habitantes dessa terra seriam os índios. A palavra permaneceu mesmo após o conhecimento do engano e continua sendo reproduzida. Segundo o autor, o uso da palavra índio é carregado de estereótipos. Remete a



ideologia do índio preguiçoso, obsoleto que causa atraso ao desenvolvimento do Brasil, ideologia que surgiu na época colonial e permanece até hoje. E a palavra índio também remete ao índio literário, o índio romantizado da literatura do século XIX que trazia de forma superficial o indígena como coadjuvante da história nacional. Ambas ideias estão distantes da realidade. Um povo que vive há milhares de anos possui sem dúvidas muito conhecimento, inteligência, capacidade de sobrevivência.

Por conta disso, o uso da palavra índio não representa esses povos da forma que deveria, contribui para o afastamento e a impossibilidade de diálogos entre sociedade e os povos indígenas, que, citando ainda Daniel Munduruku, esse diálogo poderia resultar em uma convivência muito rica e muito útil principalmente para que o brasileiro possa aprender e se reconhecer em sua história, e sentir orgulho em possuir raízes indígenas que são tão ricas e tão bonitas.

Através da literatura indígena, ou seja, literatura produzida por indígenas, é uma forma de conhecer os diferentes povos de uma maneira digna. A literatura é um instrumento extremamente rico, e a leitura de textos produzidos por indígenas de diversas etnias traz um experimento de diversidade cultural muito rica, além de conscientizar e informar a respeito da cultura indígena de cada etnia. O número de literaturas produzidas por indígenas não é tão vasto, mas, recentemente, nos últimos anos, o indígena vem ganhando mais e mais espaço na produção literária para contar a sua história.

Referências

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando2: sobre vivências, piolhos e afeto**. São Paulo: UK'A Editora, 2017.

MUNDURUKU, Daniel. **Povos indígenas: Munduruku**. 2015. (6m14s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J_cwwHRhRw4>. Acesso em: 06 nov. 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **“Índio é um apelido que nos impuseram e que nos afastou da sociedade brasileira”**. 2017. (10m56s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pzIq6xSFrQY>>. Acesso em: 06 nov. 2019.